

MACHADO, UM CONTISTA DESCONHECIDO*

Falar do conto machadiano requer, como premissa básica, uma breve rememoração das formas deste gênero tão nosso e tão desconhecido. Fenômeno antiqüíssimo na tradição oral de todos os povos conhecidos, é uma manifestação tardia na literatura escrita. Ainda que a Antigüidade Clássica nos brinde com alguns exemplares de narrativas curtas, não eram elas suficientemente presentes para caracterizar um gênero, pelo menos no mesmo nível de outras tradições literárias.

Será na Idade Média Islâmica que o gênero conhecerá uma expansão verdadeiramente significativa, com a consolidação de *As mil e uma noites*, uma extensa e coerente tradição oral, que publica, sistematiza e dá coerência aos princípios de organização social das populações que vivem sob o signo do Islã. Tal tradição nasce com o islamismo, por volta do sexto século da era cristã, propaga-se paralelamente à expansão do Islã e chega, na sua cristalizada tradição oral, a todos os pontos onde a influência árabe se impôs, seja ao ocidente seja ao oriente. Daí a possível explicação para a sua incrível influência na literatura do ocidente europeu, se levarmos em conta que a sua publicação na forma escrita só se deu no final do século XVIII, na famosa tradução de Antoine Galland. E, principalmente, que tal publicação é a primeira de que se tem notícia, mesmo no mundo árabe, onde *As mil e uma noites* só conheceram a forma de livro um século mais tarde.

A sua importância vital, pelo menos para o Ocidente, reside no fato de que suas narrativas, que constituem tijolos de uma bem acabada construção literária, ganharam vida individual e independente em nossa cultura literária. É difícil, hoje em dia, não lobrigar a presença de temas de *A mil e uma noites* em muito do que se escreveu nas bandas de cá, quase sempre desconhecendo-lhes a origem.

*Este texto foi originalmente escrito para uma palestra pronunciada na Faculdade de Letras da UFRJ, em 16 de agosto de 2007.

No Renascimento, a narrativa curta ressurgiu, mas em construções orgânicas que costumaram uma coleção delas em uma arquitetura maior e sempre bem estruturada, como se pode constatar no *Decameron*, de Boccaccio e cuja matriz, sem dúvida, remonta à figura fantástica de Sheerazade, enquanto regente de uma miríade de narradores que, pela sua mão, se integram num todo orgânico e consolidado.

Há que pensar que, em todos esses casos, quando tais narrativas ganham a forma de publicação, sempre será o livro o seu suporte único e necessário. É o livro, unidade maior, que dá vida e circulação às partes: as narrativas curtas ou contos, como lhes chamamos agora.

Outro aspecto essencial à história do gênero deve ser suficientemente sublinhado: os contos, na nossa cultura, ou os mitos nas culturas dos outros, fazem parte de uma tradição oral, cuja função básica é explicar o funcionamento do mundo. Tais narrativas dizem como as coisas são naquela cultura. Ou seja, elas pressupõem um universo ideológico fechado, em que uma única versão do mundo é aceitável e onde quaisquer dúvidas ou divergências constituem faltas graves, passíveis de punição, tal e como as narrativas repetidamente o explicitam. Basta uma viagem aos mal-chamados *contos de fada*, para constatar a justeza de nossa afirmação. Não resta dúvida de que as tradições orais, muito mais antigas do que as tradições escritas, e sempre muito mais populares, por alcançarem inclusive os que não sabem ler, existem e tem por função explicar, justificar e manter uma determinada ordem social de que são produtos e produtores, a um só tempo. Somente na tradição moderna, pós-iluminista, nas franjas da Revolução Francesa, a literatura, como passamos a chamar tais narrativas, começa a exercer a função de crítica às crenças, aos ordenamentos sociais e aos sistemas de governo. Às religiões e aos valores, à moral e aos costumes. Ou seja, quando um universo ideológico uno e fechado dá lugar ao conflito de idéias e de valores, como expressão dos conflitos sociais que buscam entender e orientar. É coisa recente, em termos de história...

Será apenas no século XIX, com o surgimento da grande imprensa – com seus veículos diários, semanais, quinzenais, mensais, etc. –, que o conto ganhará sua plena legitimidade. Nesses veículos, ele encontrará um espaço todo seu: o rodapé literário. Por constituir uma narrativa curta, via de regra ele pode ser publicado em uma única edição ou,

no máximo, em duas ou três edições. O conto é, pois, um gênero umbilicalmente ligado ao jornal e à revista. Ele encontra plena adequação com um novo ritmo de leitura e uma outra concepção de cultura. A dinâmica do capitalismo em desenvolvimento encontra na imprensa uma nova forma de descrever e entender o mundo. O próprio mundo passa a chegar aos leitores através das páginas escritas, como hoje nos chega pelas telas da televisão e pelos monitores dos computadores.

O conto, nesse universo, adquire a mesma dimensão semântica: ele deve mostrar uma visão do mundo, a partir de um fato. Tudo rápido, como exige a modernidade. Em lugar das longas descrições, desenhos fulminantes de personagens e de situações. "Marcela amou-me durante quinze meses e onze contos de réis; nada menos", já disparou nosso Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

O conto moderno na cultura ocidental, que tem como grandes fundadores Edgar Allan Poe e Anton Tchecov, nasce junto com a grande imprensa e dela é parte fundamental, a partir da segunda metade do século XIX até quase meados do século XX. Ele será superado, como forma de expressar uma imagem de mundo na imprensa, pelas páginas policiais. A ascensão do noticiário policial, que nos traz as tragédias efetivas do cotidiano, coincide com a decadência do folhetim, da crônica, da presença da literatura nas páginas dos jornais.

Este papel é assumido, então, pelas redes de rádio e de televisão, na forma da radionovela até os anos 60 e, a partir daí, pela telenovela, senhora absoluta da forma folhetim, em nossa cultura.

Mas, digam-me: este senhor não veio aqui para falar de Machado de Assis e nos vem com essa cantilena sobre os meios de comunicação? O que tem a ver uma coisa com outra? Estará ganhando tempo, por falta de assunto?

É possível! Mas, se queremos compreender em profundidade o papel de Machado de Assis como contista, não temos como fugir dessa introdução, cansativa sim, mas esclarecedora.

Porque o Machado de Assis contista que conhecemos é aquele que nos chegou na forma de livros de contos, mas principalmente na forma de antologias, que nos economizam o largo tempo que demandaria a leitura de todos os sete livros de contos por

ele publicados. Este é o Machado de Assis visível; este é o contista genial a que temos acesso. Nada contra!

Mas a realidade dos fatos, hoje, aponta em uma outra direção importantíssima. Machado de Assis foi um contista militante na imprensa do Rio de Janeiro e, eventualmente, na de outras cidades. Ele escreveu 218 contos em sua carreira de escritor. Destes, apenas oito foram publicados exclusivamente em livro. Todos os demais, ou seja 210, foram inicialmente publicados na imprensa. Podemos dizer, sem medo de errar demais, que a sua carreira de contista foi toda ela vivida nos jornais e revistas de seu tempo.

Há que notar, entretanto, que dos seus 218 contos escritos, apenas 76 conheceram a forma de livro. Destes 76, apenas 8, repita-se, não foram publicados na imprensa.

Aqui desenha-se uma grande interrogação. Machado de Assis, pelo menos a partir de 1881, não tinha problemas para publicar seus livros. Por que, então, deixou essa imensa, essa caudalosa produção de contos inédita em livro? Afinal, de 218 contos produzidos, 138 ficaram na edição volátil da imprensa, num montante de 63% de sua obra de contista.

O primeiro argumento que surge, necessariamente, é o da qualidade e o da escolha pessoal. Como leitor, talvez um pouco apaixonado, posso dizer que há entre os inéditos em livro jóias raras, como entre os publicados alguns de gosto extremamente discutível! Claro está que entre o gosto de Machado e o meu não há e não poderia haver coincidência. Mas o defeito de tal explicação é que ela é simplista demais, para ser verdadeira. Um autor de sucesso dispõe de 138 contos inéditos e, apesar de ter a literatura como uma fonte de renda bastante razoável, para os parâmetros do século XIX, decide deixá-los adormecer para sempre nas gavetas da memória...

Há mais complicações no desdobramento desta história! Machado, ao publicar seus contos na imprensa, lança mão de uma boa quantidade de pseudônimos, tais como Camilo da Anunciação, A., Eleazar, J.B., J.J., Job, Lara, Lélío, M.A., M. de A., Manassés, etc. Ora, o uso de pseudônimos revela a intenção explícita de ocultar-se o verdadeiro autor aos olhos do leitor. Seria por falta de interesse no sucesso literário? É difícil acreditar!

Este permanente jogo de ocultar-se na imprensa e revelar-se nos livros merece uma reflexão mais acurada. Antes de mais nada, surge o problema da atribuição de autoria. Podemos dizer que são de Machado de Assis aqueles contos por ele assinados e aqueles

cujos pseudônimos têm a chancela da documentação. Este problema continua presente a desafiar a crítica textual para que se possa chegar a um *corpus* definitivo, lastreado pela pesquisa e por uma documentação confiável. Muitos dos pseudônimos, por serem, na verdade, pseudo-iniciais, prestam-se a equívocos constantes. Por exemplo, M. de A. são iniciais de Machado de Assis, mas também de Moreira de Azevedo, que, assim como Machado, colaborava na imprensa literária. É um problema ainda sem solução, e o *corpus* de que dispomos é aquele que a crítica vem construindo ao longo do tempo. Com os acertos e os equívocos inevitáveis em toda obra humana. Há um consenso em admitir que existem 218 contos que seriam da pena de Machado de Assis, mas consenso não é demonstração...

Outro problema de monta é que os contos de Machado de Assis publicados na imprensa até hoje não encontraram guarida integral na forma de livro. Há algumas antologias que recolheram parte dessa produção, houve a tentativa heróica de Djalma Cavalcante de publicar a íntegra dos *Contos Completos de Machado de Assis*, pela Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora e que, lamentavelmente, ficou na edição dos dois tomos do primeiro volume, num total de 38 contos. Este é mais um dos trágicos exemplos do sucateamento das atividades universitárias realmente importantes, já que para coisas desimportantes e para perfumarias culturais nunca escasseiam as verbas...

A única publicação integral dos contos de que dispomos hoje está em forma digital, num excelente trabalho de Cláudio Weber Abramo, numa página de internet chamada exatamente de *Contos Completos de Machado de Assis*.

Este obstáculo editorial durante muito tempo impediu o acesso do comum dos mortais à íntegra dos contos. E mesmo os mortais incomuns, com muita dificuldade, chegaram às coleções de periódicos da Biblioteca Nacional, para poderem beber na fonte os textos do Bruxo.

Com isto, estamos diante de um campo minado, mas nem por isso menos sedutor para a nossa pesquisa. Toda a minha leitura e a de meus orientandos que estão pesquisando os contos de Machado fica credora das poucas fontes acessíveis, com todos os problemas daí derivados.

Nossa primeira tarefa, agora, será a de tentar identificar os meios onde foram publicados os contos, para tentar entender alguma coisa a respeito de sua produção.

Dos 210 contos publicados na imprensa, 85 estão no *Jornal das Famílias*, 53 na *Gazeta de Notícias*, 43 em *A Estação*, totalizando 181. Os restantes 37 contos dispersam-se em 12 publicações diversas. Isto nos aponta um caminho para a crítica: as revistas e jornais em que ele concentrou a publicação de seus contos podem nos fornecer pistas importantes para entender o problema que nos colocamos: o da não publicação em livro da maioria dos textos que escreveu, nesse gênero.

O *Jornal das Famílias* circulou por 16 anos, entre 1863 e 1878. Como era uma revista mensal, colocou em circulação presumivelmente 192 números. Nela, Machado de Assis publicou 85 contos, o que revela uma frequência altíssima: ele está presente em 44% dos números publicados. Praticamente, um número sim, outro não.

Na *Gazeta de Notícias*, que circulou a partir de 1875 e alcançou o final do século XX, Machado de Assis publicou 53 de seus contos, além de outras publicações em gêneros diversos. Ali ele publicou desde 1881 até o final de seus dias, ou seja durante 27 anos.

Em *A Estação*, 1879-1904, ele faz aparecer 43 contos, em 25 anos de colaboração.

Vê-se assim que mais de 80% de sua obra de contista está publicada nessas três revistas, o que define um padrão de comportamento que pede análise. Para isto, a primeira estratégia consiste em verificar qual o aproveitamento em livro das colaborações para as revistas.

Há um fato extremamente curioso: o *Jornal das Famílias* foi o meio mais usado por Machado. Ele ali publicou 85 contos, o que perfaz um total aproximado de 40% de toda a sua produção. Mas quando vamos conferir a republicação em livro, desses 85 contos ele aproveita apenas 13. Já com a *Gazeta de Notícias*, o quadro é inverso. Ali ele publica 53 contos, 24% de sua produção. E desses 53, aproveita 41 para republicação em livro, ou seja quase todos. Em *A Estação*, o quadro é o seguinte: ele publica 43 contos e deles aproveita apenas 6 para republicação.

Toda esta numerologia aponta claramente para o seguinte: apesar de haver publicado majoritariamente no *Jornal das Famílias*, daí aproveitou pouquíssima coisa para a construção de seus livros de contos. A produção que foi estampada na *Gazeta de Notícias*, quase toda ela foi republicada em livro, havendo sido desprezada também a produção que dedicou à revista *A Estação*. Ou seja, um de seus critérios de escolha para construir seus

livros foi, claramente, o local onde os contos foram originalmente estampados. Seria equivocado, no entanto, admitir que tenha sido o único. Toda causalidade deste tipo é múltipla e mais complexa do que sonha a nossa vã ingenuidade.

Por outro lado, a produção que saiu estampada no *Jornal das Famílias*, ocupa quase totalmente as páginas de *Contos Fluminenses* (1870) e de *Histórias da meia-noite* (1873), seus dois primeiros livros de contos. Aí, apenas "Miss Dollar" (1870) não foi publicado naquela revista e conheceu apenas a publicação em livro. Os demais foram publicados no *Jornal das Famílias* entre 1864 e 1873. Depois disso, apesar de continuar publicando contos na revista pelo menos até 1876, apenas um deles "Uma visita de Alcebíades" (1876) ganhou as páginas de livro em *Papéis Avulsos* (1882).

Os contos da *Gazeta de Notícias* são os que vão alimentar os seus próximos livros. *Papéis Avulsos* (1882) é composto por 12 contos, 6 deles da *Gazeta*. *Histórias sem data* (1884) tem 18 contos, 13 deles da *Gazeta de Notícias*. *Várias Histórias* (1896) tem 16 contos, 14 da *Gazeta de Notícias*. *Páginas Recolhidas* (1899) tem 10 contos, 7 dos quais da *Gazeta de Notícias*. Apenas em *Relíquias da Casa Velha* (1906), seu último livro de contos, este padrão se altera, temos aí 9 contos: 5 inéditos, 1 da *Gazeta de Notícias*, 1 de *A Estação* e 2 do *Almanaque Brasileiro Garnier*.

Tudo isto nos prova, à exaustão, que Machado privilegiou fortemente em seu livros – forma mais duradoura e mais prestigiada de publicação – os contos que estampou na *Gazeta de Notícias*. Até aí um mero dado estatístico desprovido de qualquer significação maior.

Será necessário traçar um perfil de cada uma das revistas para que tais números se preencham de alguma significação.

O *Jornal das Famílias* era de propriedade de B.L. Garnier e publicado em Paris. Seu público alvo eram as mulheres da alta classe e sua orientação ideológica era extremamente conservadora e monarquista. Em sua primeira edição, estampa um editorial em que se pode ler:

Depois de quatro anos de brilhante carreira, e já no seu 16º volume, cessa a *Revista Popular*, ou antes, se transforma em nova publicação. (...) Certos de que os assinantes da *Revista Popular* continuarão a ser também

do *Jornal das Famílias* brasileiras, lhes remeteremos mensalmente o novo jornal. As mães de família não devem recear que ele penetre em seu santuário. Haverá todo o cuidado, como na *Revista Popular*, para a escolha dos artigos. (*Revista Popular*, tomo 16, 1862, p. 361).

Ou seja, nesta publicação, todas as contestações, críticas e agressões à ordem moral vigente estão descartadas. O santuário da família não será profanado.

Jean-Michel Massa, machadiano respeitável, em seu *Juventude de Machado de Assis*, afirma:

(...) o *Jornal das Famílias* era, como seu nome indica, e mais do que a *Revista Popular*, uma publicação familiar. A revista trazia em cada mês um ou dois contos, cujo prosseguimento ou fim eram publicados no mês ou nos meses seguintes. Frequentemente, a edição era completada por algumas poesias de caráter sentimental ou de inspiração religiosa. Páginas de modas, ilustradas a cores, enriqueciam cada número. Uma crônica culinária, acompanhada de receitas assinadas por Paulina Filadélfia, instruía as donas de casa e as jovens donzelas candidatas a casamento. Às vezes uma página da Bíblia, narrada por um dos cônegos da redação, dava uma nota religiosa (...). A fórmula teve sucesso, porque a revista viveu três lustros.

Já a *Gazeta de Notícias* surge em 1875 e diz, em editorial, a que vem:

Além d'um folhetim romance, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a *Gazeta de Notícias* se propõe trazer ao corrente os seus leitores.

Clara Miguel Asperti-, em um estudo dedicado ao jornal, nos diz:

A grande revolução gerada pela inauguração da *Gazeta de Notícias* foi fruto de seu estilo "barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar" (SODRÉ, 1966, p. 257), que se contrapunha e concorria com o único jornal consolidado da época, o *Jornal do Comércio*.

Foi Ferreira de Araújo quem iniciou no Brasil, com sua folha, a fase do jornal barato, de ampla informação. A *Gazeta de Notícias*, no seu tempo, era um jornal moderno, de espírito adiantado, o primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista e a reportagem

fotográfica (JORGE, 1977, p. 16).¹

E mais adiante acrescenta:

Nos anos iniciais o jornal ainda apresentava de maneira simplória as suas minguadas quatro páginas, responsáveis por abarcar as oito colunas estreitas de seu corpo; porém, inovou ao ser vendido diariamente de modo avulso através de garotos-jornaleiros, ao passo que outros jornais rivais só efetuavam vendas por assinatura. A iniciativa da *Gazeta de Notícias*, ao mesmo tempo em que fez com que suas vendas fossem expressivas, também lhe possibilitou a fama de jornal popular ao alcance das massas.

Ou seja, o *Jornal das Famílias*, apesar do nome, era uma revista mensal, cuja venda era feita por assinaturas e cujo custo a colocava como privilégio das camadas mais abastadas da população. Era monarquista e conservadora, como não podia deixar de ser, tendo como público a aristocracia carioca. A *Gazeta de Notícias* era um jornal diário, avançado e republicano, abolicionista e liberal. Vendido nas ruas por meninos-jornaleiros, a preços convidativos, procurava atingir as parcelas menos ricas e alfabetizadas da população. Alinhada ideologicamente com os segmentos mais progressistas do processo político, ela sobrevive ao Império e adentra sobranceira o século XX. Nela Raul Pompéia publica, em fascículos, *O Ateneu* e Euclides da Cunha estampa seus primeiros ensaios.

Com isto, o panorama principia a tornar-se bem mais nítido. Machado de Assis era homem e não era anjo. Era mulato numa sociedade escravocrata – é fundamental não esquecer! –; pobre numa sociedade aristocrática; culto num meio absurdamente medíocre. Tinha, por força, que aprender "a pisar nesse chão devagarinho", como mais tarde nos havia de ensinar Dona Ivone Lara. Era isso ou era ser literalmente varrido da vida literária! O exemplo de Lima Barreto é insuperável! Este resolveu bater de frente, ainda que um pouco depois da morte de Machado. Foi banido dos arraiais literários e culturais. Só ressuscitou na década de 60 do século XX, graças ao trabalho fantástico de um Francisco de Assis Barbosa, de um Antônio Houaiss e da coragem de um editor como Caio Prado Júnior.

¹ ASPERTI, Clara Miguel. "A vida carioca nos jornais: *Gazeta de Notícias* e a defesa da crônica". VII Jornada Multidisciplinar: Humanidades em Comunicação. FAAC/UNESP – Bauru / outubro 2005.

Machado não foi mestre apenas nas letras, foi catedrático nas relações sociais! Conseguir firmar-se e ascender socialmente, apesar de mulato: o que na época não era façanha pequena. Terminou sua vida como presidente perpétuo de uma academia de brancos...

Tudo isto ajuda, agora, a entender melhor certas coisas a respeito dos contos de Machado. Já vimos que, apesar de muito haver publicado no conservador e monárquico *Jornal das Famílias*, pouca coisa aproveitou para seus livros. Já daquilo que publicou na *Gazeta de Notícias*, jornal republicano, democrático e populista, quase tudo foi republicado na forma de livro.

Não há como não pensar que Machado, driblador emérito na ordem dos relacionamentos sociais, não haja sempre levado em conta, quer na hora de escrever, quer na hora de publicar, o público para o qual escrevia e publicava.

Os contos do *Jornal das Famílias*, que alimentam quase exclusivamente seus dois primeiros livros, *Contos Fluminenses* e *Histórias da Meia-Noite*, são, via de regra, habitados por personagens idealizadas e construídos em torno de situações sociais pouco conflitivas. Muito centrados na problemática do namoro e do casamento, configurariam aquilo a que popularmente se chama de romantismo entre nós. Apenas um dos contos desses dois livros – "Confissões de uma viúva moça" – talvez já contenha um tanto da verruma crítica que o fez famoso. Isto poderia ser confirmado pelo fato de que houve problemas com leitores ou leitoras do *Jornal das Famílias* que acusavam o texto de imoral.

Quanto à *Gazeta de Notícias*, basta lembrar que o primeiro conto que Machado ali publicou foi o justamente famoso "Teoria do Medalhão", onde a vacuidade e a empulhação intelectual da nossa aristocracia é descarnadamente exposta. Os 12 contos que compõem *Papéis Avulsos* (1882) recolhem 6 dos que foram originalmente publicados na *Gazeta* e, dentre eles, podemos destacar "A Sereníssima República", "O espelho" e "O anel de Polícrates", terrivelmente ácidos, críticos e denunciadores de um estado de coisas insustentável do ponto de vista da ética liberal. Curiosamente, este livro espelha apenas um conto dentre os que ainda publicava no *Jornal das Famílias*: "Uma visita de Alcebiades", relato curioso, mas cuja temática gira em torno da inadaptação do grego Alcebiades em visita ao Brasil do XIX, graças às práticas espíritas então em plena ascensão, entre nós. Não

se lê aí nada de caráter político ou capaz de tangenciar a moral dominante. Curioso, não?! Mas mais curioso ainda é o fato de que, dos 33 contos que publicou no *Jornal das Famílias* entre 1858 e 1870, apenas 8 ele assinou com o seu próprio nome. Tudo indica que não desejava aparecer muito...

E, principalmente, o livro abre com o clássico "O alienista", que foi editado originalmente em *A Estação*, em 1881, mesmo ano que viu surgir as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Será preciso dizer mais? Que seja! Esta revista, que surge em 1879, é a mesma que há de acolher, um pouco mais tarde os folhetins de *Quincas Borba*. Era uma revista destinada ao público feminino, versão brasileira de *La Saison*, completamente francesa, aqui editada por Lombaerts, a mais completa gráfica daquele então. Era o espírito francês, burguês mas liberal, aristocrata mas sobrevivente da Revolução Francesa e da Comuna de Paris. Ou seja, pouco comparável ao conservadorismo monarquista de um *Jornal das Famílias*.

Todos os livros seguintes seguem a mesma linha de escolha: a maioria absoluta dos contos que os integram estão entre aqueles que a *Gazeta de Notícias* estampou em primeira mão. Os demais são catados, aqui e ali, em diversas publicações, mas nunca mais no acervo fecundo do *Jornal das Famílias*.

Assim, paralelamente ao labirinto das escolhas subjetivas de Machado de Assis para construir seus livros de contos, surge um dado objetivo irrefutável. Ele escolhe de preferência contos que viram a luz da página impressa em jornais e revistas ideologicamente alinhados ao pensamento republicano, abolicionista e liberal.

Com isto, mais uma vez, teríamos que repensar a teoria que tenta ver na obra de Machado de Assis duas fases distintas e como que irreconciliáveis, uma romântica e outra realista, por mais que os estilos de época estejam desacreditados como instrumentos fecundos de análise. O que pode haver é outra coisa: é a necessidade de sobreviver num meio hostil e legitimar-se como escritor, oferecendo a cada público muito do que ele queria ler, mas introduzindo sempre a verruma da dúvida. Encoberta aqui, mais assanhadinha ali adiante, escrachada onde fosse possível.

Se isto não o define filosófica e politicamente, que outra coisa seria capaz de fazê-lo?

Luis Filipe Ribeiro
Universidade Federal Fluminense

Luis Filipe Ribeiro é professor de Teoria da Literatura, mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutor em História Social das Idéias pela Universidade Federal Fluminense; autor de *Mulheres de Papel*: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis (Eduff, 1996) e *Geometrias do Imaginário* (Edicións Laiovento, Santiago de Compostela, 2001).